



CEAD
Centro de Educação
Aberta e a Distância



DEETE
Departamento de
Educação e Tecnologias

PROEX
Pró-reitoria de extensão

REVISTA DO FÓRUM INTERNACIONAL DE IDEIAS

Revista

do Fórum Internacional de Ideias

Versão em Português

Volume 7, número 1

O Registro e a Transmissão da
Memória na formação da Identidade
Brasileira

ISSN: 2527-1377

Universidade Federal de Ouro Preto

Reitora: Prof^a-Dr^a Cláudia Aparecida Marliére de Lima

Vice-Reitor: Prof-Dr Hermínio Arias Nalini Júnior

Pró-Reitor de Extensão: Prof-Dr Marcos Eduardo Carvalho G. Knupp

Centro de Educação Aberta e a Distância

Diretor: Prof-Dr Helton Cristian de Paula

Vice-Diretora: Prof^a-Dr^a Kátia Gardênia Henrique da Rocha

Departamento de Educação e Tecnologias

Chefia: Prof^a-Dr^a Gláucia Maria dos Santos Jorge

Programa de Extensão Fórum Internacional de Ideias

Coordenador: Professor-Doutor Antonio Marcelo Jackson Ferreira da Silva

Bolsistas:

Carolina Fernanda Coelho Soares

Julia Barbosa Massa Correa

Matheus Effgen Santos

Sofia Fuscaldi

O Registro e a Transmissão da Memória na formação da Identidade Brasileira

Nos dias 06 e 07 de agosto de 2018 o Jardim-Ciência Aziz Ab’Sáber, localizado na Comunidade de Cana-Brava, município de Pureza-RN, promoveu a I Jornada de Vivências e Interatividades “Nossas Aldeias, nossos Povos”, inspirada na frase “se quiseres ser universal começa por pintar tua aldeia”, atribuída a Leon Tolstói. A Jornada reuniu pesquisadores de instituições brasileiras e chinesas em palestras apresentadas aos professores da rede pública regional, pessoas da comunidade e convidados. A Revista do Fórum Internacional de Ideias, que tem como objetivo central a divulgação científica, também foi convidada para o evento e aproveita para transformar essa ação em um volume especial com o conteúdo dessas apresentações.

A Jornada, presidida pelo Prof. Dr. José Medeiros da Silva (Universidade de Estudos Internacionais de Zhejiang - Hangzhou-China), contou com a coordenação da Prof^a Dra. Simone Maria da Rocha (Universidade Federal Rural do Semi-Árido); e a participação da Prof^a Dra. Maria Antônia Teixeira da Costa (Universidade Estadual do Rio Grande do Norte); do Prof. Dr. Antonio Marcelo Jackson F. da Silva (Universidade Federal de Ouro Preto), Prof^a M.^a Nadir Arruda Skeete (Instituto Federal do Rio Grande do Norte), doutoranda pela Universidade Federal de Pernambuco; Prof. M.^e José Willians Simplício da Silva (Instituto Federal de Roraima) e Diego Amorim Xavier, mestre em Sociologia pela Universidade de Zhejiang (Hangzhou - China) e doutorando em Ciências Sociais na Universidade Estadual de Campinas (São Paulo). Registre-se ainda a participação do Prof. Dr. Washington José de Souza, do Departamento de Ciências Administrativas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Neste número são apresentadas as palestras da professora Nadir Arruda Skeete com a participação do escritor potiguar Franklin Jorge intitulada “Memórias de uma Formação Humanista: Octacílio Alecrim e sua Província Submersa”; e a do professor José Willians Simplício da Silva intitulada “A Festa do Divino Espírito Santo no Vale do Guaporé, Rondônia”.

Boa leitura!

Memórias de uma Formação Humanista: Octacílio Alecrim e sua Província Submersa

Professora Nadir Arruda Skeete: Esta comunicação, realizada no âmbito da I Jornada de Vivências e Interatividades do Jardim-Ciência Aziz Ab'Saber, visa apresentar sucintamente a obra *Província Submersa*, de Octacílio Alecrim, cuja primeira edição foi publicada em 1957. A obra passou 50 anos sem ser reeditada, e só pudemos ter acesso ao livro, porque em 2008, ou seja, há dez anos, foi publicada a segunda edição através de uma parceria do Instituto Pró-memória de Macaíba com o Senado Federal. Trata-se de uma narrativa autobiográfica sobre a infância e a juventude desse autor potiguar, que nasceu em 1906, na cidade de Macaíba, Rio Grande do Norte, e faleceu em 1968, na cidade do Rio de Janeiro-RJ.

As memórias compreendem o período em que Octacílio Alecrim viveu em Macaíba, “recanto” da então Província do Rio Grande do Norte, até o ano de 1930, quando se transferiu para o Recife, a fim de cursar a Faculdade de Direito, vindo, logo depois, a se estabelecer definitivamente na cidade do Rio de Janeiro. No final do livro, o autor faz uma síntese do que foi escrito e revela como surgiu a inspiração para escrever essa obra estética de grande valor para a literatura norte-rio-grandense:

EU E A PROVÍNCIA

Aqui terminam minhas recordações de infância e juventude na Província – cheia de brinquedos típicos, de pretextos folclóricos e de costumes locais, e afetivo campo de experiência de minhas primeiras miudezas literárias, filosóficas e artísticas, através dos livros dos outros.

A ideia de escrevê-las – um dever indeclinável de todo homem de letras – nasceu, há três anos, quando uma reprodução do sugestivo quadro de Chagall – *Moi et le Village* – transportou-me proustianamente à terra natal, distante, é verdade, no espaço e no tempo, mas, de raízes profundas, como se viu, na minha primeira fase de vivência intelectual.

No enredo, o autor esforçou-se sobretudo por situar-se apenas como um acidente de interessantes depoimentos de um “meio” e de uma “época”.

Eis porque os verdadeiros personagens de Província submersa são a Memória, a Terra, os Episódios, as Ideias, os Escritores e os Livros. (ALECRIM, 2008, p. 268).

As recordações da infância e da juventude constituem, pois, a base sobre a qual se constrói a obra, deixando entrever importantes elementos da nossa cultura e da nossa história.

Quando ele fala, por exemplo, dos brinquedos e das brincadeiras do seu tempo de criança, tais como: carrinho de rolimã, patinete, rói-rói e João-teimoso, entre outros, busca resgatar os brinquedos típicos, pretextos folclóricos, os costumes locais. Da mesma forma, quando fala sobre sua experiência de leitura, trazendo à tona o primeiro livro que leu, o momento em que começou a ter encanto pelos livros e passou a se interessar pelo mundo das letras. Às vezes, passamos a vida toda, e os livros estão aí, mas não temos curiosidade de ler para conhecer. É uma riqueza conhecer a história de outras pessoas, mesmo histórias criadas, que vão nos proporcionar experiências de vida, através da vida e da imaginação dos outros, buscando saber o que sabiam e como viveram esse saber. Nesse contexto, não apenas o texto literário, mas também os textos filosóficos que refletem sobre a vida, sobre a existência, sobre as obras artísticas, podem nos enriquecer. A expressão artística faz parte da nossa humanidade. Como diz aquela canção popular, “a gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte”. Não nascemos apenas para sobreviver, mas para viver e viver plenamente, isto é, viver na plenitude das potencialidades do ser humano.

Para Octacílio Alecrim, escrever é “um dever indeclinável de todo homem de letras”, ou seja, se ele detém esse conhecimento intelectual, tem o dever de registrar isso e deixar como um legado para as gerações vindouras. Ele relata que a inspiração para escrever o livro surgiu três anos antes ao deparar-se com uma reprodução do sugestivo quadro do pintor francês Marc Chagall, *Moi et le Village*, que o transportou “proustinianamente” – uma referência ao escritor francês Michel Proust, autor de *Em Busca do Tempo Perdido*, obra considerada precursora do romance moderno – à terra natal, distante no espaço e no tempo, pois ele se encontrava então no Rio de Janeiro, passados mais de vinte anos desde sua saída do Rio Grande do Norte, mas que “deixaram raízes profundas na minha primeira fase de vivência intelectual”. Isso porque aquilo que aprendemos e vivemos na infância, de uma forma ou de outra, vai ressurgir em outras etapas da vida.

Quanto ao enredo, diz o autor que se esforçou, sobretudo, por situar-se apenas como acidente de interessantes depoimentos de um meio, ou seja, de um lugar, e de uma época, o tempo em que ele viveu, de sorte que os verdadeiros personagens de *Província Submersa* são a *Memória*, aquilo que ele viveu e recorda; a *Terra*, o espaço onde ele viveu e que recorda; os *Episódios*, acontecimentos marcantes de sua vida; as *Ideias*, pensamentos com os quais teve contato, seja através dos livros ou de pessoas que o influenciaram; e os *Escritores e os Livros*, que marcaram também a sua vida.

Passemos então à apresentação do livro, que está dividido em cinco partes, além da introdução. Na introdução, o autor fala da temática do *souvenir*, como evocação da memória de algo, de alguém, do lugar, de pessoas que marcaram nossa vida. Quanto às demais partes, é possível fazer uma associação de cada uma delas com os elementos referidos pelo autor no final do livro. A primeira parte corresponde à *Memória*, sendo dividida em três capítulos: Zumbido de Berimbau, Parafuso de Redemoinho e Almanaque de Lembranças, que tratam das memórias da infância. A segunda parte, que compreende o capítulo intitulado Os Brevetes do Fabulário, diz respeito à *Terra*, havendo aqui uma descrição dos lugares de Macaíba, alguns dos quais associados a lendas e fatos históricos

marcantes. A terceira parte, por sua vez, está relacionada ao que Octacílio chama de *Episódios*, sendo composta por três capítulos distintos, que vão falar de alguns acontecimentos importantes: Fogueira de Guia, Evocação de Estrelas Cadentes e Nostalgia do Infinito. Já a quarta parte equivale às *Ideias*, compreendendo o capítulo denominado Signo de Escorpião, com referências mitológicas. E a quinta e última parte, associa-se aos *Escritores* e *Livros*, em que se desenvolve o capítulo de nome Sobrevivência de Anteu, que também se refere a um mito.

Sobre a proposta dos nomes dos capítulos, o escritor Nelson Patriota, que fez a revisão, atualização e correção ortográfica do texto original de *Província Submersa* para a publicação da segunda edição, em um artigo publicado no Jornal *Tribuna do Norte*, observa que os títulos “são criações à parte, sucintas e significativas, denotando prática do autor com a titulação da matéria, uma arte que cultivou desde os tempos que militou em *A República*” e que “revelam a perícia do autor na arte de criar, com duas ou três palavras, o clima específico para cada parte de sua obra. Da leitura da obra, depreende-se o significado de cada um desses capítulos, e cada parte se constrói em torno de uma temática da qual os títulos são indicativos.

Mas voltando à introdução, vale salientar a importância que o autor dá a temática do *souvenir*. Vale salientar que Octacílio escolhe como epígrafe para o seu livro (aquela frase ou trecho que o autor escolhe para colocar no início do livro, a qual tem alguma relação ou algum significado com a obra como um todo) um trecho em francês, extraído da obra *Souvenirs: D'enfance et de Jeunesse*, de Ernest Renan, editora Calmann Levy, publicado em Paris, em 1883. O objetivo é, exatamente, expressar o sentido que possuem, para ele, as recordações da sua terra natal, e como, através dessas lembranças, se podem desvelar certas nuances do seu pensamento, da sua forma de pensar o mundo, e, também, de si mesmo. Após a citação do trecho em francês, Octacílio faz uma exposição sobre a temática do *Souvenir*, que constitui a introdução. Aí são referidos diversos escritores, inclusive nacionais, os quais, para utilizar termos aí empregados pelo autor, “em prosa e poesia, falaram de si mesmos através do gênero autobiográfico”, escreveram “suas recordações de infância e juventude”, “deliciosas narrativas de meninice e adolescência valorizadas, sobretudo, quanto à urdidura pelas suas excitantes impressões de franqueza e intimidade”, culminando, por fim, no que ele considera o “capítulo mais fascinante da matéria: o *souvenir* afetivo da província, de nascimento ou não”, exemplar do qual “Proust – o das peregrinações ruskinianas em busca da província perdida – é sem dúvida o que sempre mais senti e por isso o que sempre mais admirei.” (ALECRIM, 2008, p. 23-34).

Então, influenciado por Proust, que escreveu sobre sua terra natal, Octacílio é levado a escrever também sobre sua própria província perdida, deixando, assim, Macaíba e, por conseguinte, o Rio Grande do Norte imortalizados numa obra literária. Isso é muito interessante, porque, às vezes, não conseguimos dar valor ao que somos e ao que fazemos. Às vezes, moramos numa terra durante vinte, trinta, quarenta anos e mal sabemos do nosso lugar. Às vezes, não conseguimos perceber o valor, a beleza, a riqueza, a alegria

do povo, valores que a gente tem para passar para os nossos filhos e para os nossos netos. E isso é que é viver, não passar pela vida sem deixar nada marcando a nossa existência.

Poderíamos falar agora um pouco sobre o teor de cada parte do livro, tentando relacionar com a nossa realidade. *A Memória*, como falei, corresponde à primeira parte, que trata das lembranças relacionadas à família dele: o pai, a mãe, os irmãos e os agregados, que viviam na casa. É possível conhecer como era a casa dele, que, ainda hoje, está lá em Macaíba; como eram a rua, a igreja, o local onde ele vivia; os brinquedos e as brincadeiras de infância, os colegas etc. Nesse contexto dos colegas de escola, interessam-nos, por exemplo, as memórias de seu ingresso na escola, quando ele sofreu *bullying* por parte de outro menino, e teve de aprender a se defender. São experiências que nos ensinam porque tocam a nossa realidade escolar. Quando outra criança coloca um apelido que não gostamos, deixando em nós uma marca, que, se não conseguimos superar, passamos a viver tristes, deprimidos num canto. Também sobre os professores, em especial aqueles que lhe foram inspiradores. Quando eu cheguei aqui, observei na parede lateral da entrada os homenageados do Jardim-Ciência, e fiquei muito emocionada quando soube que, na parte de cima, estão escritos os nomes dos professores daqui de Canabrava, professores que marcaram a vida de José, a história dele e da comunidade. São pessoas que doaram suas vidas pela educação. O que seria de nós, se não fossem os professores? Quantos professores têm aqui? Quem é professor aqui? Olhem aí, que coisa linda! Estão vendo? São vocês os responsáveis por propagar a Cultura, a Arte, a Ciência, a Matemática, a Filosofia, a Sociologia, a Geografia, a Biologia... Enfim, o conhecimento. Octacílio vai falar desses professores que foram marcantes, professores que foram referências para ele se formar como homem.

A segunda parte é *A Terra*. Trata-se do lugar onde estamos, estamos situados no espaço. Com esse tema, Octacílio recupera, na segunda parte, elementos da história e da tradição popular. Toda cidade e todo lugar tem história. Aqui tem ou não tem história?

Ouvintes: Tem.

Professora Nadir Arruda Skeete: Tem até umas histórias bem engraçadas, histórias curiosas que vão sendo transmitidas de pais para filhos. Octacílio Alecrim traz muitas dessas histórias e elementos da tradição popular, que estão ligados a determinados lugares do seu Recanto de Província. É muito interessante quando ele fala da Lagoa do Tapará, em Macaíba, e do Porto Flamengo. Sabem por que o Porto Flamengo? Aqui tem um elemento de história, os professores sabem. Houve uma época, na nossa região, que tivemos uma colonização holandesa. Aqui não recebemos só influência de Portugal. Houve uma época que havia muita briga para ver quem ficava com nosso território. E os holandeses também vieram. Havia, inclusive, os saques e os massacres. Octacílio conta, por exemplo, sobre o massacre que aconteceu no Engenho Ferreiro Torto, muito marcante na história local. O Forte dos Reis Magos foi apropriado e recebeu a denominação de Castelo de Keulen, porque, quando houve invasão dos holandeses, eles se apossaram da terra. E houve muitas lutas. Foi nesse mesmo período que aconteceu o Martírio de Cunhaú e Uruaçu, sobre o qual Octacílio também traz referências. São histórias que, às vezes, não conhecemos, mas que fazem parte da história da nossa terra, do nosso povo.

Ele conta também sobre Extremoz, Guararapes etc. Macaíba, na época dele, estava em ascensão econômica por causa da cultura do algodão e das condições de escoamento da produção, pois havia um porto, e a região se tornou muito próspera, havendo aí, inclusive, muitos políticos, intelectuais e escritores influentes, porque a cidade estava no auge. Depois decaiu economicamente e hoje não tem mais essa projeção, mas, no século XIX e até o início do século XX, era muito importante, de modo que isso está refletido no livro, quando fala desses lugares todos.

Os Episódios por sua vez constituem a terceira parte, na qual são narrados os fatos marcantes ou curiosos vividos pelo autor, envolvendo também o contato, pessoal ou não, com personalidades do cenário cultural potiguar e brasileiro. É interessante, pois se destacam figuras como Câmara Cascudo, que, inclusive, vocês estão vendo, dá nome à Cozinha-Escola, numa justa homenagem a ele. Várias páginas do livro são dedicadas a Câmara Cascudo para mostrar o valor desse grande antropólogo, cientista, enfim, historiador, que revolucionou os estudos sobre a nossa cultura, um homem que é mais conhecido mais no exterior ou nacionalmente do que no Rio Grande do Norte. A Universidade Federal do Rio Grande do Norte possui o Núcleo de Pesquisa Câmara Cascudo que tem desenvolvido muitos trabalhos, mas muitos de nós vivemos aqui e não sabemos nada sobre Câmara Cascudo. Paulistas, cariocas, mineiros e pessoas de outros lugares às vezes sabiam muito mais de Câmara Cascudo do que nós que somos daqui, e isso está errado. Nós é que deveríamos dar aula de Câmara Cascudo para todo mundo. Então, nesse livro, Octacílio vai mostrar quem é essa personalidade. Ele descreve algumas histórias e fatos, conta como eles se encontraram em Natal, como era a relação que eles mantinham, os dois intelectuais. Mostra também como Câmara Cascudo era generoso. Vocês sabiam que foi ele quem foi buscar o livro de poemas de Jorge Fernandes para publicar, um dos maiores poetas do Rio Grande do Norte. Então, essas figuras aqui são destacadas no livro: Câmara Cascudo, Jorge Fernandes, Palmyra Wanderley, daqui do Estado. Mas também Gilberto Freyre, escritor pernambucano, autor de “Casa Grande e Senzala”, um livro clássico em que ele tenta explicar um pouco do que é o Brasil, de como o Brasil se constituiu com essa união das raças que viveram aqui desde a época da colonização. E ainda Ronald Carvalho, autor modernista, entre outros escritores e outras referências que ele traz no livro.

As Ideias compreendem a quarta parte do livro, em que o autor apresenta algumas áreas de interesse para ele como intelectual e estudioso. Vemos então a preocupação de Octacílio Alecrim com a questão social e política no Brasil, algo que até hoje precisamos entender, porque muitas vezes não entendemos o que acontece com nossas instituições políticas, e, como não estudamos, não conhecemos o passado, as coisas vão se repetindo, sem que possamos intervir com a nossa posição política e social dentro da sociedade. Enfim, ele fala da questão social e política da época dele, traz algumas noções gerais de história e didática, que eram as coisas que lhe interessavam e que pesquisava. Psicologia também, que é tão importante para trabalhar o autoconhecimento. Ele também se interessava muito por Literatura e Filosofia e, ainda, pelos escritos de Joaquim Nabuco, outro escritor pernambucano que deu uma grande contribuição para a causa abolicionista. Assim, Octacílio fala da influência que teve sobre ele os escritos de Joaquim Nabuco

sobre Walter Bagehot, a influência e o espírito ingleses, a influência dos Estados Unidos, a Rainha Vitória, Rodolfo Dantas, Soares Brandão, o enterro do Imperador, a revolução rio-grandense, a influência de Lincoln no mundo, a aproximação das duas Américas, o centenário de Lincoln, o quinhão da América e Elihu Root e a paz, como também os escritos de Eduardo Prado sobre a ilusão americana, de Oliveira Lima sobre os Estados Unidos e o Japão, de Gilberto Amado sobre a realidade brasileira e as instituições políticas, de Ronald de Carvalho sobre as bases da nacionalidade brasileira, entre outros autores que Octacílio considerava autênticos humanistas pensantes. As bases da nacionalidade brasileira, aliás, é um tema também muito caro a José, que busca conhecer mais nossa realidade e caracterizar nossa identidade: quem é o brasileiro, como ele se constitui, como nos constituímos como nação, como país.

A quinta e última parte do livro, por fim, ocupa-se mais detidamente de alguns *Escritores e Livros* que o marcaram, com destaque para Gilberto Freyre e Maurice Barrès.

Embora possamos fazer corresponder cada parte da obra a cada um desses elementos temáticos: Memória, Terra, Episódios, Ideias, Escritores e Livros, recorrentes ao longo da narrativa, estes se interpenetram e perpassam toda a obra. Não é que ele vai falar só dos escritores e livros na última parte. Desde o início, temos esses elementos, mas é como se o foco de cada uma daquelas partes fosse cada um dos temas referidos.

Feitas essas considerações sobre a obra, passo agora a apresentar para vocês um pouco de como pretendo trabalhar esse livro no meu doutorado. Meu projeto inicial de doutorado era um estudo sobre os clássicos. Pretendia verificar como estavam sendo abordados na escola hoje, especificamente no ensino médio. De um modo geral, nossos alunos não se interessam mais em conhecer os clássicos da literatura, e eu penso que esses livros têm uma importância muito grande para a formação, porque são livros que deixaram uma marca na humanidade, pois conseguiram expressar algo da essência do homem. São livros que nós não podemos deixar de conhecer. Não é que vamos ler tudo, mas que a gente leia pelo menos um, conheça algum, porque eles têm algo a nos dizer da nossa humanidade, do nosso ser gente no mundo. Mas, da forma como propus, o projeto se mostrou inviável e tive de redimensionar. Foi quando me chegou às mãos um exemplar desse livro, através de uma colega de Macaíba, que fazia parte de nosso grupo de pesquisa em Literatura e Cultura Potiguar. Então me apaixonei pelo livro e de certa forma me reencontrei com minha ideia original de trabalhar os clássicos, pois, nesse livro, observo a importância que o autor dá a leitura e como ele se deixou formar pelos clássicos.

Para desenvolver meu estudo, escolhi trabalhar com uma concepção humanista da literatura, pois existem várias formas de se conceber a literatura. Aqui eu trago uma referência de Todorov, escritor búlgaro, que, na época da ditadura comunista no Leste europeu, acabou se radicando na França. É muito interessante a concepção dele, porque, durante muito tempo, ele trabalhou a literatura mais numa visão estruturalista, procurando estudar as formas usadas nos textos literários. Depois passou para essa visão ampla da literatura, não só como forma, como arte pela arte, mas também com a visão humanista, para formar o homem.

Mais densa e mais eloquente que a vida cotidiana, mas não radicalmente diferente, a literatura amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo. Somos todos feitos do que os outros seres humanos nos dão: primeiro nossos pais, depois aqueles que nos cercam; a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo. Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano. (TODOROV, 2009, p. 23-24).

Às vezes, pensamos que a literatura é só para algumas pessoas, aquelas mais estudiosas, CDF ou nerd, que gostam de livros. Mas isso não é verdade. A literatura não foi só reservada para essas pessoas educadas, que gostam de ler. A literatura é importante para todos nós, pois permite que cada um responda melhor a sua vocação como ser humano, porque ela trabalha com a matéria humana, é o que nós somos, nós somos feitos disso. Esse contato com a literatura faz com que a gente se torne mais gente, faz com que sejamos humanizados, porque não é todo homem que é humano. Então, o que a literatura nos proporciona em termos de formação humana é o que eu pretendo mostrar através do estudo desse livro de Octacílio Alecrim.

Para mostrar como essa experiência da leitura do texto literário pode nos tornar mais gente, formulamos o problema da pesquisa a partir da referência de Brayner, que fala da *pedagogização da literatura e da literaturização da pedagogia*.

Se no primeiro caso a literatura fornece os elementos para um diálogo interior através da experiência de outros homens (ficcionais ou não), no segundo as ambições são mais amplas: fazer da educação uma reescrita de si, em que o ato educativo exercido sobre si mesmo (como uma espécie de auto-subjetivação) se confunde com a escrita ficcional, na qual a vida e a literatura se interpenetram e tomam a forma de uma “estética da existência”. (BRAYNER, 2005, p. 64)

No primeiro caso, baseado nos estudos de Philippe Meirieu. tem-se a leitura literária acompanhada e refletida com o intuito de aperfeiçoamento pessoal e moral, como muitos autores colocam para além da educação formal. Então, não é só você frequentar a escola, você vai ler também, para autoeducar-se, podendo ser um livro de literatura, mas também um livro não literário. A experiência que aquele outro traz vai me ajudar nesse processo e me aperfeiçoar como pessoa. Já no segundo caso, tomando como referência os trabalhos de Jorge Larosa, coloca-se a educação como esse processo de formação, como uma reescrita de si mesmo, de modo que o ato educativo é exercido sobre si mesmo como uma

espécie de auto subjetivação, eu falando de mim mesma. Isso se confunde com a escrita ficcional na qual a vida e a literatura se interpenetram e tomam a forma de uma estética da existência. Ou seja, é o fazer da minha vida a minha própria arte. Isso é muito interessante, é o que eu entendo que Octacílio acaba fazendo, ao trazer os livros que ajudaram no seu processo formativo e para escrever um livro que é uma reescrita dele mesmo. É, portanto, isso que pretendo mostrar no meu trabalho, investigar se e como a literatura pode contribuir para a formação intelectual e humana, buscando verificar qual o percurso ele seguiu, com quais livros e escritores ele interage, com quais se identificou, como e porquê. Para isso vamos adotar essa perspectiva de Bryner.

Qual a importância de fazer um estudo como esse? É uma possibilidade que tenho de repensar a articulação entre a literatura e a hermenêutica da cultura, buscando verificar como essa cultura é aprendida. Também pode contribuir para uma compreensão do gênero autobiográfico e memorialista, que é o gênero em que o livro é escrito, assim como para a difusão do conhecimento e da produção literária e cultural no Estado do Rio Grande do Norte. Além disso, estaremos promovendo o resgate do valor da obra e do autor em termos literários e educacionais, como também de outros autores e obras mencionadas e discutidos.

Quanto aos objetivos? O objetivo geral é discutir a relação da literatura e formação humana a partir da análise da obra de Octacílio Alecrim, buscando investigar através da experiência narrada pelo autor narrador-personagem e como a leitura de obras literárias contribuiu para sua formação humana e intelectual a ampliação do Imaginário, o domínio da linguagem e expansão do ser. Os objetivos específicos são os seguintes: fazer um levantamento, mediante critérios pré-estabelecidos, das principais obras e autores referidos por Octacílio Alecrim; descrever o grau de receptividade, o que tem demonstrado com a obra citada e comentada bem como com a sua transmissão; recuperar fatos relevantes recortados e selecionados pela memória no processo de construção e de ressignificações que na narrativa, possibilitaram o conhecimento de si, do outro e do mundo àquele que narra sua trajetória; definir e caracterizar a obra em estudo, do ponto de vista do gênero literário autobiográfico, considerando seu caráter híbrido, com elementos de memórias, ensaística e registro documental. Então é isso que eu queria trazer para vocês. Muito obrigada pela paciência em me ouvir e, mais uma vez, agradeço a José e a todos pela acolhida.

Professor José Medeiros: Mais uma vez, agradeço a presença de todos vocês. Nós fizemos questão de convidar uma pesquisadora para uma palestra acadêmica. A própria linguagem é diferente. O fantástico aqui é vermos as crianças acompanhado a comunicação. Então, é bem possível que a partir dessas crianças um dia tenhamos pesquisadores, porque eles vão se familiarizando com essa paciência necessária para a produção do conhecimento. A pesquisa exige paciência, exige domínio de linguagem, exige reflexão, e, como também temos muitos professores aqui, que, no fundo, são pesquisadores, essa palestra da professora Nadir lança também um convite para se seguir esse caminho.

Fazendo um parêntese, lembremos que hoje à tarde será também inaugurada no espaço da Cozinha-Escola Camâra Cascudo a exposição fotográfica “Um olhar sobre o Japão” e na Biblioteca-Museu Maria do Socorro Silva poderemos apreciar a exposição de pintura tradicional chinesa, feita pela artista Qiu Ningning, graduada pela Academia Chinesa de Arte, em Hangzhou. Também à noite, teremos na fogueira uma oportunidade de melhor interação com os nossos convidados. Agora abriremos para duas perguntas.

Professor Antonio Marcelo Jackson: Não é nem bem uma pergunta. O trabalho que Nadir está apresentando tem um ponto fundamental. O autor que você trabalha, que é o Alecrim, cujo livro saiu em 1957 e depois a segunda edição somente em 2008. Eu fiz mestrado e doutorado em ciências políticas, e sou historiador por formação. Queria apenas citar que, quando você faz uma faculdade de história, a história existe quando ela é contada. Esse papo de estamos na história, vivemos na história, isso tudo é mentira. Estamos na vida, a gente paga conta, acorda de manhã e escova dente, vai para escola, briga com marido, isso é vida, história é outra coisa. A história existe quando alguém senta a cadeira no lugar e resolve narrar aquilo. Escrever ou pesquisar sobre aquilo, isso é história. Então, é interessante que repare bem, é o autor do Rio Grande do Norte conterrâneo de todos vocês, portanto, e que estava perdido até o momento em que a Nadir está contando a história dele. A pergunta que eu faço e não é para ninguém me responder aqui, mas a partir do trabalho extraordinário da Nadir faço a cada um de vocês, professoras e professores: Quantos escritores existem aqui em Canabrava que estão perdidos na vida e que não foram contadas as suas histórias? Quantos poetas podem existir aqui? Quantas pessoas podem guardar suas memórias e anotar e que simplesmente foram esquecidas? “Sou primo do fulano, até sei dele!” Que bom que você sabe. O resto do planeta não tem a menor ideia disso. Acho que, de repente, poderia inclusive, pegando você como exemplo Nadir, talvez você pudesse de forma indireta, a internet serve para isso, até orientar de repente vocês aqui em Canabrava em Touros, aqui na região poderiam resgatar essas pessoas que já escreveram coisas aqui que já produziram aqui e não tem suas histórias contadas.

Porque se vocês não contarem as histórias dos seus conterrâneos, da sua própria terra, vocês podem ter certeza de que ninguém vai contar. Então essa é a grande questão, eu acho que é uma lição fantástica! Eu me lembro sempre do Mário de Andrade que diz que nós não devemos servir de exemplo para ninguém, que devemos servir como lição. E a Nadir está dando uma lição fantástica aqui e acho que vocês podiam copiar essa lição, copiar e colar, já que estamos falando de professores e estudantes. Vamos colar a Nadir, não é? E fazer a história daqui de Canabrava. Mas uma história assim, um resgate dessas pessoas que talvez tenham produzido coisas... Um poeta, um escritor, uma pessoa que fazia pequenos contos. Quantos será que não existem aqui? E se ninguém conta as histórias dessas pessoas, se vocês não contarem, infelizmente isso aí vai ser apenas em vida, e quando todos morrerem as histórias estarão mortas.

Professora Nadir Arruda Skeete: As histórias de trancoso, não é? Os contos folclóricos...

Professor José Medeiros: Teremos mais uma questão e em seguida a Nadir vai fazer uma breve apresentação do escritor potiguar Franklin Martins, amigo do saudoso Câmara Cascudo e que aqui nos honra com a sua presença. Vale lembrar que depois será o plantio de árvores em homenagem aos primeiros educadores da nossa comunidade, como D. Maria das Dores Santos de Brito, Maria do Socorro Batista da Costa e Maria Carvalho de Lima (as três aqui presente) e pessoas como a D. Waldyra Jackson Ferreira da Silva, agora com seus 80 anos, que dedicou grande parte de sua vida de crianças e jovens no Rio de Janeiro. Queremos que essas árvores sirvam de referência para a continuidade da memória dos nossos educadores. Agora com a palavra a professora Maria Antônia.

Maria Antônia: Muito obrigada, José, pelo convite! Um grande abraço a cada um e cada uma aqui presente! Eu acho que há alguns dias eu perguntei: “José, quantas pessoas vão participar?” Revendo pessoas que é uma satisfação... E ele disse: “São umas 30 pessoas.” Mas na verdade são muitas pessoas! Nadir, parabéns pelo seu trabalho! Eu gostaria de fazer uma reflexão, na verdade: como nós poderíamos, então, relacionar as memórias de uma formação humanista a Canabrava? Como eu posso relacionar as memórias de uma formação humanista, Octacílio Alecrim e sua Província Submersa, a nossa vivência, a nossa vida, a nosso cotidiano aqui em Canabrava, o que fazemos e o que deixamos de fazer... Então quando nós dizemos “as memórias de uma formação humanista”, cada um aqui poderia escrever sua própria memória. Na verdade, já passou o tempo em que a história era feita apenas por heróis. Cada um aqui, jovem e criança, que estão aqui e que vejo que estão bem atentos, pode escrever sua própria história e essa história é brilhante sim! Do homem que ara a terra, do pai que sai de manhã cedo para capinar, para arar a terra, para plantar e colher... Porque se nós não tivermos agricultores não teremos alimentos para a cidade. Como termos uma formação humanista diante da vida que levamos? Da violência, das barbáries que estão acontecendo na atualidade? Então a minha reflexão é nesse sentido de que cada pessoa aqui tem uma história importante e que poderia escrevê-la a partir de agora. Não apenas escrever as histórias dos outros, mas a nossa própria história. Claro que é importante, quando pegamos uma obra como essa de Octacílio Alecrim, e vamos discorrer, investigar, analisar, refletir sobre a sua contribuição para a nossa história. Mas, especificamente, a minha fala aqui trata de dizer que cada um é importante, cada um tem uma história e sem história não poderíamos construir, depois, saídas da nossa aldeia como diz o evento, que eu achei brilhante, que, para nós falarmos desse mundão de meu Deus, deste universo, nós precisamos falar de cada um de nós. Nessa perspectiva, para finalizar, gostaria de pedir à Nadir para que, talvez, refletisse sobre essa minha fala, por exemplo, porque essa relação entre o que você está estudando e o objetivo desse nosso evento, das memórias das pessoas, por que somos silenciados, por que não escrevemos, não valorizamos as nossas histórias. Muito obrigada!

Professora Nadir Arruda Skeete: Muito obrigada, Maria Antônia. Realmente tem tudo a ver o que a Maria Antônia traz para nós, e eu gostaria de responder chamando aqui um escritor do Rio Grande do Norte que fiz questão de trazer e que, inclusive, fiquei muito encantada com o livro dele que li agora. Não conhecia, ele escreve desde a década de 60

e mora em Natal. E eu fiquei tão encantada que até disse ao meu marido: “Arthur, se eu já não tivesse feito o projeto com o Octacílio Alecrim eu iria estudar Franklin Jorge”. Venha cá, Franklin! Eu quero que o povo conheça você. Pode trazer o livro que eu quero mostrá-lo! Olhe, gente, não é mentira, é um escritor real, é um escritor de verdade. Eu fiz questão de trazê-lo aqui para que a gente saiba quanto valor há na nossa terra e que a gente desconhece e não dá valor. Franklin Jorge começou sua carreira como jornalista, atuou nos principais jornais aqui do Rio Grande do Norte, Tribuna do Norte, Diário de Natal... Acho que ele mesmo pode falar um pouquinho sobre a sua experiência. Mas eu conheci o seu primeiro livro, o primeiro que eu li e não o primeiro que ele publicou, que se chama “O Livro dos Afiguraves”. Ele, inclusive, doou vários exemplares, que estamos trazendo para deixar aqui no Jardim para que vocês possam conhecer! Neste livro, Maria Antônia, tem a história do povo contada por Franklin Jorge. Ele teve contato com essas pessoas como nós estamos tendo contato aqui com vocês. Franklin foi a Luiz Gomes no Oeste Potiguar. Vocês conhecem Luiz Gomes, Bom Jesus da Serra, como era chamado antigamente? Então ele resgatou da boca daquelas pessoas humildes, aliás pessoas de todas as classes sociais com que ele teve contato, as suas histórias, as histórias do lugar. Como diz a crítica, Franklin Jorge é o escritor que traz os mortos à vida, que ressuscita os mortos, é o escritor que dá voz àqueles que não têm voz, aqueles que muitas vezes estão esquecidos nos recantos, em comunidades como Canabrava e por aí vai. É muito interessante isso. Nesse livro, podemos conhecer histórias de pessoas simples e que são as mais verdadeiras. Vou ler um trechinho escrito sobre uma personagem que ele resgatou.

Joanita batizada Joana D’Arc, chegou à Serra aos 22 anos e foi morar no Sítio Baixio ao pé da serra de Bom Jesus. Nascida em Marcelino Vieira em 1931, agora já velha, passa o dia sentada numa cadeira colocada na calçada, observando e pensando sobre os fatos da vida. Aqui as pessoas não acreditam nem em Deus, diz, por fim, depois de relutar em deixar-se conversar com um repórter, que subia a Serra para observar e escrever. Não gosto de fuxico e nem de conversar besteira, apresenta-se num rompante. Toda conversa minha é curta, não faço floreios e nem gosto de rapapés. Acredite que aqui tem gente mais ruim do que eu. Porém, nessas circunstâncias, eu entrego a Deus. Eu não votei nesse prefeito, mas, oh ao homem pra fazer coisas boas por Bom Jesus. Pio mudou a fisionomia da cidade. Deu outra cara a Bom Jesus. Só esse Mirante que ele fez paga tudo. O povo diz que tem até piscina. Nunca fui lá, não tenho vontade de correr esse risco, mas a fama desse Mirante é grande e tem tudo a ver. A verdade é que o prefeito está mostrando serviço e ação.

Sou uma negra que não gosta de adular ninguém. Já que o homem que adula não merece confiança. Eu não sei de nada nem quero saber. Nunca quis aprender e agora vivo quase sempre cansada de saber o que não interessa. Em minha mocidade eu só gostava de

viver dançando, brincando, bebendo, na maior bandalheira, sem pensar no futuro. Foi há muito tempo.

Quando conheci essa cidade, só havia essa e mais três ou quatro rua. Antigos nomes de ruas, Do Emboca, Das Almas, Do Cachimbo Eterno, Do Açougue, Da Prefeitura... Aqui em frente havia um matagal. Nesse quadro só tinha o Mercado, que não pode faltar ao homem. É o centro da vida numa cidade.

A vida é tão boa que é melhor viver do que morrer. Mesmo vivendo nas piores condições, ninguém quer morrer. Todos – todos! –, de alguma forma, querem escapar.

No tempo em que eu me confessava e comungava, em jejum, até sem lavar a boca para não ofender a hóstia, como era o costume dos crentes do meu tempo, os costumes eram outros. Noto hoje que as pessoas engolem a hóstia com o bucho entupido de rubacão e mangunzá, sem nenhuma consideração pelo sacramento.

Padre Oswaldo agarrou-se à igreja como cão ao osso. Na idade dele, já era para ter dado o seu lugar aos mais moços. Mas não. Ele teima. Há velhos assim, que se agarram à vida como se não houvesse Céu e vida eterna. Acho que é o caso desse padre.

E, apesar de seu desencanto e pessimismo quanto ao futuro do homem, Joanita revela que a Ministra da Eucaristia vem regularmente administrar-lhe os sacramentos. Não bote isso aí não, mas esse deputado que se elegeu com votos de Bom Jesus, e hoje está visitando a cidade, é pior do que a necessidade. É um homem ingrato. Na última campanha ele esteve aqui, comprando votos. Eu estava sentada nesse mesmo lugar onde o senhor está sentado agora, escrevendo, quando ele chegou com a curriola dele, comprando votos e fazendo mesuras. Encurtando a história, pois não sou mulher de muita conversa, ele distribuiu dinheiro com algumas mulheres que o cercaram e a mim, que já até lavei a roupa dele, não me deu nada. Não se lembrou de mim. Não me deu nada, nem mesmo um bom dia. O homem é um truculento. Comprador de voto, não dá valor ao eleitor. Sabe quanto ele custa, não o respeita. Eleitor que tem preço não se respeita. Mesmo assim, sei que ele foi ingrato com quem lhe lavou e passou a roupa.

Graças a Deus sou analfabeta. Graças a Deus! Eu imagino quanto não sofrem os que sabem. Eu prefiro a ignorância, o não-saber, e mesmo assim, querendo ser tapada de conhecimento, como tenho sofrido com tudo isso! Como tenho sofrido, suspira olhando para dentro de si.

Franklin Jorge: Eu estou com uma certa dificuldade para falar, as palavras parecem estar fugindo de mim. Mas eu queria dizer só algumas palavras sobre o que me levou a escrever. Como eu estava conversando hoje com a Nadir... A minha avó me incutiu isso. Como cresci numa propriedade rural numa época em que não havia televisão, nós tínhamos muitos livros, nosso passatempo era ler. Minha avó lia muito e orientou as minhas leituras. Ela achava que eu deveria ser escritor para dar brilho ao nome da família, porque ela achava que as únicas coisas que ficavam era o que se escrevia, e eu introjetei isso. Eu me lembro que ela me levava pelas ruas de Natal quando era menino, me mostrando as casas onde moravam Elói de Sousa, Henrique Castriciano, Ferreira Itajubá, ela ia me contando as histórias... E, às vezes... A memória me trai, me foge. Eu me lembro que, em 1966, Glauce Rocha, que era uma grande atriz daquela geração, era o que é hoje uma Fernanda Montenegro. Ela me levou para o teatro, mas eu era muito menor e naquela época, a assessora ficava com alguém na porta conferindo as idades. Eu me lembro que ela conseguiu que eu entrasse pelos fundos do Teatro Alberto Maranhão para assistir à peça, e eu assisti dos bastidores, eu não podia ir para a plateia para não ser identificado por alguma daquelas pessoas que ficavam vigiando. Depois do espetáculo, minha avó foi cumprimentá-la, e ela nos convidou para visitá-la no hotel que era o principal de Natal naquela época, o Grande Hotel. Ela estava hospedada lá e nos recebeu no quarto dela à tarde, e eu notei que, na cama dela, havia três livros e que um deles era o livro preferido da minha avó, que era o que ela me lia muito e que me educou usando as leituras. Eu era muito impaciente, depois fui saber que ela me dizia que era de filósofos e pensadores franceses. Então ela dizia que eu tivesse paciência, porque os frutos mais saborosos demoravam a amadurecer, amadureciam lentamente. Ela me ensinava que a clareza era a honra do escritor, e só depois que eu fui ler os livros pessoais dela é que vi que muita coisa que ela me ensinou era o que ela reproduzia dos livros. Essa visita que nós fizemos a Glauce Rocha em que eu fiquei olhando o livro e ela ficou surpresa, porque, eu bem jovem, meu interesse foi sobre os livros que estavam na cama dela. E ela acabou me dando de presente o livro que era o preferido da minha avó. E nessa tarde teve um episódio que me marcou muito, Glauce ficou surpresa com meu interesse pelos livros e perguntou: “E esse garoto tão bonito? O que você quer ser no futuro?” Aí eu disse: “Escritor ou nada”. Ela ficou muito impressionada com isso, reconheceu minha resposta! Eu estou contando isso porque desde menino eu não quis outra coisa senão escrever. Primeiro tive muito contato com pessoas idosas, trabalhadores rurais... Eu fugia de casa para ouvir suas histórias e ouvindo-os eu fiquei sabendo, por exemplo, como eles sobreviveram à grande seca de 1877, à enchente de 1924, que destruiu um dos lugares mais prósperos do Rio Grande do Norte, onde começou a fabricação da carne de charque aqui no Brasil, no momento em que o Rio Grande do Norte, que poderia ser o grande fabricante de carne de charque, ainda era habitado pelos índios guaranis. Eu ouvia aquelas histórias e pensava com tristeza que aquilo desapareceria quando aquelas pessoas morressem. Então, intuitivamente, não sei por que, ao ouvir as histórias, eu anotava. Quando completei 18 anos, minha avó me disse: “Você quer ser escritor? Então, precisa, primeiro, conhecer a sua terra!” E me mandou viajar pelo Rio Grande do Norte durante um ano. E eu fiquei

conversando com aquelas pessoas e anotando aquelas conversas, e eu faço isso desde os meus 18 anos. Assim é que, até 2013, quando ainda escrevia, eu já estava entrevistando os netos das pessoas que eu tinha entrevistado quando tinha 18 anos, como, por exemplo, pessoas que tinham sido testemunhas do ataque de Lampião a Mossoró. E uma coisa curiosa nesse aprendizado foi que, por exemplo, às vezes eu conversava com pessoas que me contavam uma história e 30 anos depois, um fato que era narrado ali, mas não tinha desfecho, eu, por acaso, encontrava alguém que completava sem saber que eu já sabia uma parte da história. As coisas foram se encadeando, ou seja, também é uma escrita que tem alguma coisa a ver com o espírito proustiano, porque, desde menino, eu fui um leitor de Proust. E o Octacílio Alecrim foi fundador do Proust Clube do Brasil. Ele era um grande proustiano como Edgar Barbosa, meu tio. Nós temos uma grande tradição de escritores proustianos: Edgar Barbosa, Madalena Antunes, que escreveu um livro que, podemos dizer, complementa Massangana, de Joaquim Nabuco, o roteiro, as memórias de uma sinhá moça. Então eu queria que essa memória não se perdesse.

Eu ficava tão maravilhado ouvindo aquelas histórias e ficava, ao mesmo tempo, triste porque eu imaginava: quando essas pessoas morrerem, essas histórias vão todas desaparecer com elas. Esse foi, digamos, o combustível que me levou a escrever o que eu escrevi, esse interesse em resgatar e preservar a memória. Um professor de escola primária de Sítio Novo, que se formou na USP em São Paulo, tem uma história muito interessante. Não o conheço ainda pessoalmente, mas ele foi uma pessoa que, se não me engano, se alfabetizou aos 30 anos, mas se doutorou na USP, e, por acaso, leu um livro meu, um livro com o qual ganhei um prêmio no centenário de Câmara Cascudo. Eu não sou competitivo, mas era uma data tão especial, que, eu que nunca concorri a nada, resolvi concorrer, e fiquei muito preocupado depois que vi a lista da comissão julgadora, porque era constituída por três pessoas que não gostavam de mim. Mas ganhei, pela primeira vez, por unanimidade, com a obra *Ficções*, que é uma reunião de fragmentos de outros livros meus. Foi um livro com o qual nunca pensei em concorrer. De última hora, peguei fragmentos de 12 livros, os mais publicados e outros inéditos, e dei o nome de “*Ficções Fricções e Africções*”. O livro original era só *Ficções*, mas um amigo meu, que me estimulou e que foi professor de Semiologia e de Semiótica na Faculdade de Jornalismo, resolveu acrescentar, no título, “*fricções e africções*”, porque ele achava que a minha literatura era também fruto das leituras. Obrigado!

José: É isso, pessoal! Agora nós terminamos aqui e vamos com os professores, Maria Matias, principalmente, Dona Maria das Dores, a Socorro, Gabi, o professor Antônio e também o nosso escritor Franklin Jorge, nós vamos agora, Gaspar já está jogando água onde vamos colocar as plantas, e vamos homenagear os professores com essas plantas. E para todos que vieram, muitíssimo obrigado e espero que cada ano a gente tenha algum evento assim no Jardim. Obrigado a todos!

A Festa do Divino Espírito Santo no Vale do Guaporé

José Willians Simplício da Silva

Em primeiro lugar gostaria de agradecer o convite do professor José Medeiros e em nome dele quero cumprimentar os demais professores, autoridades, amigos e familiares. A todos os presentes, muito obrigado pelo convite e pela oportunidade. Nesta oportunidade, pretendo fazer uma fala a respeito de uma festividade que acontece há mais de um século no Estado de Rondônia chamada Festa do Divino Espírito Santo no Vale do Guaporé e, ao mesmo tempo, colocar para vocês aquilo que está no nosso livro, intitulado A Festa do Divino Espírito Santo - Religiosidade e Cultura Popular no Guaporé. A Festa do Divino Espírito Santo do Guaporé é uma manifestação que acontece anualmente há mais de 124 anos. As raízes históricas da festa do Divino em Rondônia estão intimamente sintonizadas aos festejos religiosos feitos em Vila Bela da Santíssima Trindade, em Mato Grosso, quando no ano de 1894 os quilombolas Manoel Fernandes Coelho e Antônio Gomes, juntamente com outros irmãos, reivindicaram a criação da festa para o Vale do Guaporé, trazendo, para tanto, a Coroa do Divino para comunidade de ilha das Flores. Segundo consta na bibliografia que versa a respeito da temática, a festa do Divino foi uma “invenção” no âmbito das tradições religiosas portuguesas do século XIII. Esta ocorrência tornou a festa do Divino Espírito Santo prática evidenciada, a partir do século XVIII no Brasil, especialmente na capital do Império, Rio de Janeiro, e posteriormente ganhou “asas” e espalhou-se por todo o território nacional. Em Rondônia, ou seja, no Vale do Guaporé essa festa é organizada, principalmente, por quilombolas, mas agrega também populações indígenas, populações brancas, populações do Brasil e da Bolívia, portanto, tem uma singularidade e uma particularidade muito grande, porque é uma festa religiosa de caráter internacional, talvez como nenhuma outra no Brasil. De acordo com o calendário litúrgico da Igreja Católica, a festa do Divino Espírito Santo é realizada entre os meses de maio e junho, ou seja, o período obedece ao recorte temporal que vai do domingo de Páscoa ao dia de Pentecostes, cuja a duração é de aproximadamente, 50 dias.

Essa imagem que estou expondo para vocês é a imagem da capa do livro. Ela diz muito sobre a festa: quem são os sujeitos e quais são os símbolos do festejo. Farei uma apresentação dessa imagem: nós temos a figura dos tripulantes do batelão, o batelão é essa embarcação que tem a cobertura chamada de penteado pelas populações quilombolas. Dentro do batelão a tripulação é formada pelos remeiros; o sauveiro que é aquele que está na ponta com um foguetão na mão e é ele quem anuncia a chegada do tempo de festa e dos símbolos do festejo que são: a coroa, o cetro, a bandeira e o mastro; nós temos ao centro a figura do violeiro ou mestre dos foliões, o escolhido ou encarregado de selecionar jovens na região do Guaporé, que é uma região de fronteira entre a República da Bolívia e o Brasil, especialmente o estado de Rondônia e o Vale do Guaporé, e esse mestre dos foliões tem a atribuição não só de expor as musicalidades que são exteriorizadas na festa, mas também é o sujeito indicado para escolher através de uma seleção/concurso esses adolescentes que estão de camisas verdes chamados de “foliões”, são adolescentes entre 12 e 14 anos de idade que passam quase 2 meses percorrendo, aproximadamente, 2200 km via fluvial e terrestre ao longo do Vale do Guaporé. É uma festa específica por esses motivos: pela duração de aproximadamente 50 dias, pelo fato de ser feita de forma fluvial a maior parte do tempo e terrestre, e também pelo fato de ser feita por brasileiros e bolivianos, inclusive a composição do batelão é formada por brasileiros e bolivianos. Nós temos, ainda nesse barco, o encarregado da coroa que é este objeto com fitas votivas aqui do lado esquerdo. O quilombola é o encarregado da coroa e só ele pode carregá-la durante os festejos, durante o percurso no rio Guaporé e afluentes; nós temos ao centro, carregando a bandeira, o alferes da bandeira - e nós vamos percebendo que existe uma hierarquia entre os membros dessa romaria, aqueles que são autoridades ou representam autoridades têm cargos mais significantes e importantes -, ao lado do alferes da bandeira nós temos o caixeiro que é o encarregado de executar a batida no tambor; e na proa nós temos a bandeira do Brasil, a bandeira de Rondônia e a bandeira da República da Bolívia. Neste momento que estamos visualizando na imagem, os tripulantes estão fazendo meia lua. A meia lua são as três voltas que a embarcação dá antes de chegar na comunidade festiva para iniciar o tempo de festa. Eles dão três voltas e cada remada na água significa respeito, saudação e consideração aos promesseiros e devotos que aguardavam os símbolos do Divino nas águas. Essa manifestação devocional foi um dos primeiros atos ritualísticos de devoção ao Divino feito pela população local e vizinhança que estão prestigiando a romaria. Então nós temos uma hierarquia entre o corpo navegante, que eu chamo de espaço sagrado móvel porque os tripulantes não podem ingerir bebida alcoólica durante a festividade, ela envolve o sagrado e o profano, também não podem manter relação sexual, nem podem dançar nas festas profanas, nos bailes e nos forrós que são oferecidos durante as festividades. Por isso, eu chamo o batelão de espaço sagrado móvel em um dos capítulos feitos para discutir essa questão da tripulação do barco do batelão. Outra questão que é colocada é uma relação de gênero, vocês estão percebendo que não aparecem mulheres, elas são proibidas de colocar os pés dentro do batelão mesmo com ele parado e ancorado, as mulheres não podem participar. Em muitos momentos nós percebemos que a festa não pode ser vista apenas sob o ponto da estética, em muitos momentos ela representa aspectos da própria sociedade e essa relação de gênero e de poder faz parte. Então a figura feminina em muitos rituais fica à parte desse

processo. Esse trabalho foi feito a partir de relatos e entrevistas orais e os membros do batelão alegaram que essa relação é uma questão de tradição, mas não souberam explicar quando e o por quê dessa tradição de não permitir mulheres entrarem no batelão ou fazerem parte da tripulação. Isso não ficou claro e é uma questão que pode ser investigada, assim como outra questão que é a relação dos membros da romaria e das irmandades com a igreja católica, porque não é o objeto da minha pesquisa e nem das discussões propostas no livro.

Temos uma festa que é do catolicismo popular porque existe nela um sincretismo religioso, as pessoas rendem devoção e fazem promessa por intercessão dos símbolos do festejo que está nas mãos da tripulação do batelão que é a coroa, a bandeira e o mastro e se junta com o cetro do divino. Percebemos que não é uma festa de paróquia, como já foi colocado aqui a devoção à São Francisco que é o padroeiro da cidade, é uma festa da religiosidade popular porque ela mescla aspectos da cultura afro, indígena e também católica. Não é uma festa fechada e nem uma festa de paróquia com seus dogmas, regras e normas, não é uma festa fechada nesse sentido, não é uma festa institucional. O primeiro rito observado nessa festa e que é colocado no livro é o batelão fazendo a meia lua que são as três voltas no rio Guaporé. Outro ritual que foi verificado durante nosso trabalho de pesquisa foram as promessas, os promesseiros rendendo graça pelo pedido aceito a Deus por intercessão dos símbolos do divino. Por isso vemos diversos promesseiros com velas acesas, uns fazendo promessas e outros agradecendo pela graça alcançada. Na palavra de Bourdieu, isso se chama “trocas simbólicas”: a relação que é criada entre o divino e o promesseiro. O devoto que faz a promessa e recebe a graça de Deus, depois agradece ao santo por intercessão dos símbolos do divino. Em muitos relatos orais as pessoas testemunharam as graças que alcançaram, pessoas que, por exemplo, estavam com problemas de saúde, financeiro e por aí vai, faziam promessas, eram agraciadas e se direcionavam para recepcionar os símbolos pelas promessas feitas e pelas graças alcançadas.

Nós chamamos isso no livro de “trocas simbólicas” se apropriando de um conceito de Pierre Bourdieu. É interessante atentar também para os sentidos das trocas simbólicas entre os homens e o Divino como um momento de grande relevância para a construção da festa, pois é o tempo oportuno para que o devoto que recebeu a cura possa agradecer e agradar ao santo pelo milagre alcançado e servir como testemunha dos poderes do Divino, representado pela imagem de uma Pomba. Após esse momento da tripulação do batelão fazer a meia lua e cumprimentar os promesseiros, os símbolos saem da embarcação e são entregues às autoridades principais da festa que são o imperador, a imperatriz, o capitão do mastro, o alferes da bandeira e os mordomos do divino. Nós observamos aí outra hierarquia entre o corpo que organiza a festa, é importante dizer que a festa também é organizada por 15 irmandades. E o que são as irmandades? São as associações religiosas, 15 no total, 9 brasileiras e 6 bolivianas. E qualquer comunidade do Vale do Guaporé, de Rondônia ou da Bolívia que deseje levar a festa do divino para a sua comunidade, sua aldeia, seu espaço, precisa ter uma igreja, uma capela e uma irmandade. Muitas comunidades desejam receber os símbolos do divino e fazer as festas, mas é preciso antes obedecer essas regras: criar suas irmandades e construir igrejas. Nós

percebemos que a igreja católica, de certa maneira, tutelou um evento para si, mas os devotos e quilombolas prestam homenagem aos símbolos à maneira deles, o que foge do rigor clerical.

Então esses são os principais personagens da festa: o imperador, a imperatriz, o alferes da bandeira, o capitão do mastro e os mordomos. Quando os símbolos saem da embarcação do batelão, são levados e entregues aos novos festeiros. Como a festa acontece de forma cíclica, em forma de rodízio entre as 15 irmandades, esses festeiros perdem o reinado que eu chamo de “império simbólico e prático”. Simbólico porque representa uma autoridade exterior a ele como uma noção de império e prático porque as pessoas obedecem o que é solicitado pelas personalidades principais da festa que são o imperador e a imperatriz do divino (eles representam a maior autoridade na festa). Cabe à imperatriz, quando o império é institucionalizado, se apropriar do cetro do divino. Só a imperatriz carrega o cetro do divino e abençoa as pessoas que rendem graças ao cetro e acreditam que ficarão curados dos vários perigos e anseios religiosos.

E cabe ao imperador levar a coroa em procissão até a igreja e às casas na folia do divino, e coroar as pessoas que desejam receber uma graça ou que desejam trocar uma fita votiva, por exemplo. Essas fitas votivas só são trocadas por uma figura, e não pelo encarregado da coroa. Só uma pessoa, exclusiva, que pode observar e limpar a coroa, inclusive não vemos o formato, só sabemos que é uma coroa feita de prata. Só essa pessoa na comunidade é escolhida para cuidar da coroa e trocar as fitas. Todas essas enfeites da coroa são fitas votivas de pessoas que fizeram pedido e receberam a graça ou que querem receber a graça por intercessão dos símbolos do divino. Quando os símbolos chegam na comunidade, inicia-se o tempo de festa e durante esse tempo nós temos vários tipos de atos e de ritos devocionais que são praticados no símbolo do divino. Aqui nós vemos, por exemplo, um senhor ajoelhado. As pessoas fazem a procissão e vão ajoelhadas para receber o toque mágico da coroa, do cetro e também do mastro do divino. Nessa imagem dá para perceber que as pessoas rendem homenagens aos símbolos do divino num ritual que é muito similar aos rituais feitos para os santos canonizados pela igreja de Roma.

As pessoas quando vão à igreja se ajoelham e rezam para o santo de devoção, assim também fazem lá para o festejo do Divino Espírito Santo do Guaporé, as pessoas rendem graças à coroa, ao cetro, ao mastro e à bandeira do divino. Naquela imagem à direita nós temos a procissão luminosa que indica o último dia de festa, é a parte mais alta do evento. Eu pude perceber que as pessoas entram numa devoção profunda. É importante salientar que nessa procissão luminosa as pessoas carregam o mastro que é um pé de açaí que só pode ser tirado e pintado nas cores do divino pelo capitão do mastro. Nessa imagem, observamos que esse é um pé de açaí verde que media 20 metros, muito pesado. E as pessoas acreditam que se tocar o mastro e fazer essa procissão elas podem alcançar as graças dos problemas diversos que as afligem. Então as pessoas vão até a casa do capitão do mastro, pegam o mastro e saem em procissão luminosa nas casas dos devotos. A denominação de procissão luminosa se explica porque, às vésperas do dia de Pentecostes, os devotos do Divino do Guaporé fazem uma procissão noturna carregando o pesado

Mastro até a igreja local, com velas acesas e soltando fogos. Dessa maneira, as velas acesas e foguetões servem como luminárias para iluminar os caminhos da procissão, o que acaba por dar sentido à denominação de procissão luminosa.

Outros ritos devocionais: a bandeira à esquerda com aquele senhor quilombola. A bandeira é um dos principais símbolos do festejo porque é nela onde aparece mais visivelmente a figura da pomba, e os devotos acreditam que isso representa o Espírito Santo. As pessoas rendem graça à bandeira, se envolvem dentro da bandeira e fazem pedidos e devoção à bandeira. Fazem devoção também ao cetro que é um pequeno bastão também feito de prata, adornado com fitas votivas, também doadas por promesseiros, contendo na ponta a figura simbólica de uma pomba. Assim como a Coroa, o Cetro representa sinal de autoridade e pode ser considerado também um símbolo hierárquico, uma vez que, a exemplo da Coroa sacra, cabe primeiramente à Imperatriz da festa portá-lo e abençoar os demais devotos.

Estes que atribuem milagres ao “signo” e, em sinal de reverência, ajoelham-se e beijam o símbolo considerado sagrado, envolvido numa pequena toalha com as iniciais D. E. S., que significam Divino Espírito Santo. Ainda sobre o mastro, informamos que este é confeccionado pelo capitão do mastro. A coroa, para vocês terem uma visão mais aprofundada sobre, é este objeto que serve não só como símbolo religioso, mas também como uma espécie de cofre. Porque as pessoas que fazem as promessas querem pagar das diversas formas possíveis, então no centro da coroa tem uma nota de 50 reais amarrada. Essa nota é de alguém que fez a promessa, recebeu a graça e foi pagar aquelas trocas dos bens simbólicos enfatizada por Pierre Bourdieu.

Isso não quer dizer exploração para o devoto, é importante enfatizar isso. Para o devoto isso representa uma questão de devoção e fé no santo que ele acredita. Então a coroa é este objeto que, como eu falei, só pode ser cuidada por uma pessoa, dentro do barco ela é cuidada pelo encarregado da coroa e na comunidade festiva ela é cuidada pelo imperador da festa. O uso da Coroa como símbolo sagrado de devoção na festa do Divino, de acordo com Martha Abreu, é possível que essa seja uma manifestação cultural advinda do símbolo do poder temporal da realeza portuguesa, uma vez que, conforme a autora, a rainha Isabel saiu do palácio, em procissão. A bandeira, já falamos sobre, um dos principais símbolos da festa e que também representa uma hierarquia. Assim como a coroa só pode ser conduzida pelo encarregado da coroa ou pelo imperador da festa, a bandeira só pode ser conduzida pelo alferes da bandeira. Então existe uma hierarquia dentro do barco, existe uma hierarquia na procissão do divino, nós percebemos várias hierarquias, relação de gênero e política. Porque quando nós falamos de festa, é importante dizer que não podemos olhá-la apenas pela estética, ela tem particularidades, singularidades e em alguns momentos ela reflete a dinâmica da própria sociedade com preconceitos, relação de poder, etc. Essas imagens são importantes porque percebemos desde o momento em que o mastro é tirado da mata e é confeccionado, até o momento do mastro ser chantado no último dia de festejo. Por exemplo, nessa figura o capitão do mastro retirou o mastro da floresta, trouxe para a comunidade, confeccionou, pintou nas cores do festejo que são azul, branco e vermelho. Depois o mastro que até aquele

momento não era um símbolo sagrado, passa a ser na procissão luminosa, depois é levado em procissão pelas ruas da comunidade festeira e colocado em frente à igreja que está celebrando o evento na comunidade, neste caso, na frente da igreja católica local. Depois que esse mastro é colocado e chantado na frente da igreja, ele se transforma para os devotos numa espécie de cruzeiro santo, porque as pessoas passam a acender velas, passam a render graças, a rezarem. É um momento de demonstração de muita fé. Por falar em fé, nós temos também esse momento que é muito particular, quando os símbolos vão visitando cada casa indicada pelos mordomos do divino. As pessoas escolhidas são, principalmente, pessoas com algum tipo de enfermidade. Essa imagem chama muita atenção porque essa pessoa está bastante debilitada e ela pediu a presença dos símbolos para render graças ao divino, acreditando que iria se recuperar dos seus problemas de saúde. Na folia do divino na comunidade, percebemos que os símbolos (a coroa, a bandeira e o cedro, além do mastro) percorrem toda a comunidade festeira com uma hierarquia também na procissão. Quem conduz a procissão é a bandeira, ao lado tem o cetro e a coroa. Depois de andar na comunidade, os foliões pedem licença para adentrar na casa do devoto. Neste momento os símbolos do divino são recebidos no sagrado altar doméstico. Assim como existe um altar na igreja, onde acontecem as celebrações religiosas, existe na casa do devoto um altar doméstico para receber os símbolos do evento numa devoção que se aproxima dos rituais feitos para os santos canonizados. É nesse momento de entrada e saída de uma casa e outra que acontece o encontro entre as famílias, é o momento de visitas dos parentes distantes que vieram por ocasião da festa, é o momento de conversas diversas, é o momento de tomar chicha que é uma bebida fermentada indígena a base de milho, enfim, é um momento informal.

Enquanto existe esse momento informal os símbolos estão no altar doméstico com velas acesas, toalhas, etc. Só para finalizar, a Festa do Divino é feita por doação. Esses slides é da Festa do Divino de 2014, foram abatidos 16 animais de grande porte para dar de comer aos turistas, aos curiosos, aos devotos e aos participantes da festa, fora os animais de pequeno porte como porco, galinha... Então é uma festa de fartura e nada pode ser vendido porque tudo é doado e se é doado as pessoas não vendem. A relação que fazemos a partir da literatura que lemos é que a fartura tem um significado na festa, significa que na mesa do pobre há um sentimento de coletividade. No decorrer das nossas pesquisas ficou evidenciado que, para os devotos da comunidade, o ato de oferecer uma refeição (café da manhã, almoço ou janta) é motivo de grande alegria e satisfação. Às vezes também se trata de um pagamento de uma graça alcançada pela intervenção do Divino. Para finalizar temos as irmandades que são as associações religiosas que organizam a festa, essa aqui, por exemplo, é uma reunião que está acontecendo no Conselho Geral das irmandades. Essas reuniões são tensas, existem conflitos, existem negociações. Mas não são conflitos que impedem o bom funcionamento da festa, porque essas reuniões servem para verificar as falhas do evento. Enquanto está acontecendo a manifestação religiosa na comunidade, eles estão reunidos. Os membros representantes da diretoria geral das irmandades participam do Conselho Geral que se reúne anualmente para discutir os problemas da festa e solucioná-los. Cada irmandade tem uma bandeira e esse é o limite que cada uma representa dentro do conselho. Dentro da festa também acontece a novena,

a novena do divino é feita pela figura masculina, só os homens rezam em forma de canto e repetição. E a missa, porque depois que termina a novena é celebrada uma missa, isso significa dizer que nessa festa a igreja tem espaço mas não é o ator principal. E a festa também tem o baile, o forró, na qual os membros da romaria são impedidos de participar por uma questão de norma estatutária dentro das irmandades. Então é isso, agradeço a paciência de vocês e espero ter contribuído com o evento. Agradeço ao professor José, de coração, aos participantes e nos encontramos em outra oportunidade, qualquer coisa estamos à disposição. Muito obrigado!

José Medeiros da Silva

Willians, obrigado! Obrigado também aos professores e professoras aqui presentes e obrigado também ao prefeito municipal de Pureza (Neto Moura) e de alguns dos seus secretários municipais que acompanharam durante toda essa tarde esse ciclo de palestras e reflexões. Estamos diante de um momento de sinalizações e elas estão dadas.